



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS- CECEN  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO

**JAICIA RAMOS DE ALMEIDA**

**VIOLÊNCIA E CÁRCERE:  
PERFIL DAS MULHERES PRESAS EM PEDRINHAS**

São Luís - MA

2021

**JAICIA RAMOS DE ALMEIDA**

**VIOLÊNCIA E CÁRCERE:  
PERFIL DAS MULHERES PRESAS EM PEDRINHAS**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Silas Nogueira de Melo

São Luís - MA

2021

Almeida, Jaicia Ramos de.

Violência e cárcere: perfil das mulheres presas em Pedrinhas / Jaicia Ramos de Almeida. – São Luís, 2021.

47 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Geografia Bacharelado, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira de Melo.

1.Presídio feminino. 2.Prisão. 3.Mulheres. I.Título.

CDU: 343.81-055.2

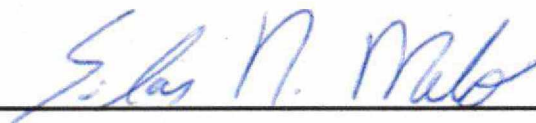
**JAICIA RAMOS DE ALMEIDA**

**VIOLÊNCIA E CÁRCERE:  
PERFIL DAS MULHERES PRESAS EM PEDRINHAS**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Aprovada em: 05/ 08 /2021

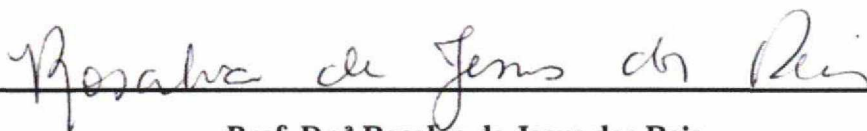
**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Silas Nogueira de Melo (Orientador)**

Universidade Estadual do Maranhão



---

**Prof. Dr.ª Rosalva de Jesus dos Reis**

Universidade Estadual do Maranhão



---

**Prof. Dr. Washington Rio Branco**

Universidade Estadual do Maranhão

Ao meu pai Pedro Almeida Filho (*in memoriam*) por todos os ensinamentos, pela educação, por todo o amor, por todo incentivo, por sempre confiar na minha capacidade e a minha família por todo o apoio.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por toda capacitação, pelas oportunidades, pelo dom da vida e por todas as bênçãos;

Aos meus avós, Pedro Almeida Filho e Maria das Dores Ramos Almeida por terem me criado, educado e por todo o apoio; assim como, aos meus tios, Ivaniel Ramos, Israel Ramos, Ismael Ramos, Izael Ramos e Maria Lúcia por sempre estarem ao meu lado, por todo o ensinamento, confiança e incentivo, por terem me ajudado a ser quem sou hoje;

Aos meus pais, Isabel Ramos Almeida e Jailson Barroso de Almeida pela atenção e dedicação, aos meus irmãos e primos, assim como, a toda minha família;

Aos professores do curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, pelo conhecimento repassado e por todas as experiências compartilhadas, em especial ao professor Washington Rio Branco, por todas as viagens que contribuíram muito para o meu conhecimento prático da geografia;

A professora Ana Rosa Marques, por ter me recebido como voluntária no projeto de extensão “Trilhando Pela Paisagem cultural de Alcântara”, pelo acolhimento no Grupo de estudos em desenvolvimento regional e sustentabilidade (GEDERS), por todo conhecimento, apoio e incentivo;

A professora Hermeneilce Wasti, pelo acolhimento no Grupo de Estudos Urbanos (GEURB) e por todo o conhecimento partilhado;

Ao professor Silas Nogueira de Melo, por ter aceitado me orientar nesta pesquisa, pela oportunidade de ingressar nos seus projetos de iniciação científica, por ter confiado na minha capacidade, por compartilhar seus conhecimentos e pela inspiração na área de pesquisa;

Aos meus colegas de turma de 2016.2, por todos os momentos compartilhados dentro e fora da Universidade, em especial aos meus queridos Tralhotos, por dividirem comigo todos os momentos.

A Sasha Fernanda, Tallita Arouche, Lorena Moraes e Samyra Yanka, minhas amigas desde o começo da graduação e equipe de trabalho desde o início do curso;

A todos os funcionários do curso de Geografia, em especial ao seu Carlos e a Juliana;

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta no meu processo de graduação.

**Muito Obrigada!**

*“A má índole associada a falta de educação,  
leva ao racismo, preconceito, e até a  
marginalidade.”*

(Milton Santos)

## RESUMO

O sistema penitenciário resulta no fortalecimento de um ciclo de violência, onde o envolvimento de mulheres com o crime e a violência é cada vez mais explícito. Isso gera o aumento do número de mulheres presas, contribuindo para o encarceramento em massa. O crescimento do número de mulheres encarceradas no Brasil demonstra que a criminalidade, o cárcere e a violência estão cada vez mais evidentes no país. No entanto, são poucas as penitenciárias femininas no Brasil, a maioria é mista. As voltadas ao público feminino são em grande parte adaptações de presídios masculinos. Penitenciárias construídas para mulheres são poucas e, esse é o caso do Presídio feminino de Pedrinhas, local deste estudo. O objetivo da pesquisa foi traçar o perfil das mulheres em situação penal no Presídio feminino de Pedrinhas, Maranhão. Realizou-se levantamento bibliográfico de livros, artigos, sites e revistas, assim como, a tabulação de dados secundários retirados do site do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC), do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), dos Sistemas de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN), do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias e também foram realizadas entrevistas com as internas e agentes para a elaboração do material utilizado. Os resultados indicam que o perfil das prisioneiras de Pedrinhas está ligado ao sistema de classes sociais e a relação com o crime inicia com a necessidade e a falta de oportunidades.

**Palavras-Chave:** Presídio Feminino, Prisão, Mulheres.



## **ABSTRACT**

The penitentiary system results in the strengthening of a cycle of violence, where the involvement of women in crime and violence is increasingly explicit. This generates an increase in the number of women imprisoned, contributing to mass incarceration. The growth in the number of women incarcerated in Brazil demonstrates that crime, imprisonment, and violence are increasingly evident in the country. However, there are few female penitentiaries in Brazil, most are mixed. Those aimed at women are largely adaptations of men's prisons. Penitentiaries built for women are few, and this is the case of the Pedrinhas female prison, the location of this study. The objective of the research was to characterize the profile of women in the penal situations in Pedrinhas female prison, Maranhão. A bibliographical search of books, articles, websites, and magazines was carried out, as well as the tabulation of secondary data taken from the website of the Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC), Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), Sistemas de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN), National Prison Information Survey, and from interviews carried out with the inmates and agents for the preparation of the material. The results indicate that the profile of the female prisoners in Pedrinhas is linked to the social class system and the relationship with crime starts with the lack of opportunities.

**Keywords:** Women's Prison, Prison, Women

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Mapa de localização da Penitenciária feminina de Pedrinhas.....	23
Figura 2 - Fluxograma das fases da pesquisa.....	29
Figura 3 - Estabelecimentos Penais Mistos e Feminino no Maranhão.....	30
Figura 4 - Naturalidade e quantidade de presas por município.....	33
Figura 5 - Ida a Penitenciária Feminina de Pedrinhas para realização das entrevistas....	39

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Cor das Presas do Presídio Feminino de Pedrinhas.....	36
Gráfico 2 - Escolaridade das Internas de Pedrinhas.....	37

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Organização dos dados utilizados.....	27
Quadro 2 - Municípios representados na figura 4.....	34
Quadro 3 - Resposta das internas sobre o crime.....	40
Quadro 4 - Resposta das internas sobre violência sofrida.....	41
Quadro 5 - Resposta das internas sobre o que leva a cometer crime.....	41

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Informações sobre os estabelecimentos penais.....	31
Tabela 2 - Frequência absoluta da Naturalidade das presas de outros estados.....	35
Tabela 3 - Mulheres presas por Drogas no Maranhão em 2019.....	40

## LISTA DE SIGLAS

CADET - Casa de Detenção

CCPJ - Centro de Custódia de Presos de Justiça

CDP - Centro de Detenção Provisória

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional

EAD – Educação a Distância

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMESC - Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

INFOPEN – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

PDI – Processo Disciplinar de Internos

SISDEPEN - Sistemas de Informações do Departamento Penitenciário Nacional

UMF - Unidade de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário do Tribunal de Justiça do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	17
<b>2.1</b>	<b>Violência</b> .....	17
<b>2.2</b>	<b>Presídio Feminino</b> .....	18
<b>2.3</b>	<b>Cárcere e Território</b> .....	19
<b>3</b>	<b>ÁREA DE ESTUDO: PENITENCIÁRIA FEMININA DE PEDRINHAS</b> .....	22
<b>3.1</b>	<b>Contexto histórico</b> .....	22
<b>3.2</b>	<b>Caracterização da Penitenciária Feminina de Pedrinhas</b> .....	23
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	25
<b>4.1</b>	<b>Levantamento Bibliográfico</b> .....	26
<b>4.2</b>	<b>Coleta e Organização dos Dados</b> .....	26
<b>4.3</b>	<b>Elaboração dos Produtos Utilizados</b> .....	27
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	30
<b>5.1</b>	<b>Distribuição dos Estabelecimentos Penais</b> .....	30
<b>5.2</b>	<b>Distribuição Espacial da Naturalidade das Presas</b> .....	32
<b>5.3</b>	<b>Idade e Cor das Presas</b> .....	36
<b>5.4</b>	<b>Escolaridade das Internas</b> .....	37
<b>5.5</b>	<b>Entrevistas com Internas e Agentes: Relação das Presas com o crime e a Violência</b>	38
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

A prisão originalmente foi utilizada como local para manter os acusados sobre vigilância, impedindo as ocorrências de fugas, pois as penas aplicadas eram extremamente rigorosas. “Somente após a idade média, com o aumento da criminalidade, é que começou a se pensar na prisão como um local de privação de liberdade dos indivíduos” (BILIBIO et al. 2016, p. 393), tornando assim, a prisão como lugar de regeneração para os condenados. “Foi no Código Penal francês de 1810, que a prisão passou a fazer parte do conjunto de punições” (BILIBIO et al., 2016, p. 393).

Por ser local de aprisionamento e regeneração dos infratores para reintegração dos mesmos a sociedade, os presídios brasileiros atualmente passam por problemas como a superlotação e a negligência do estado para com as pessoas em situação penal, transformando-os em um relevante objeto de estudo. Para Sinhoretto; Silvestre; Melo (2013, p. 83) “O acelerado crescimento do sistema prisional é caracterizado, portanto, por uma política de descentralização das unidades e de encarceramento em massa”.

O sistema penitenciário resulta no fortalecimento de um ciclo de violência, onde o envolvimento de jovens e mulheres com o crime organizado é cada vez mais explícito. Isso acaba gerando, uma rede de atividades ilícitas praticadas dentro e fora dos muros dos presídios.

As instituições penitenciárias estão diretamente relacionadas às diferentes formas de violência, sendo elas moral, física, psicológica, sexual, patrimonial ou até mesmo de gênero, assim como, ao tráfico de drogas, as organizações criminosas e a marginalidade. “o cárcere tem reforçado mecanismos de reprodução de um ciclo vicioso de violência que, como padrão, envolve a vulnerabilidade, o crime, a prisão e a reincidência e, por vezes, serve de combustível para facções criminosas” (INFOPEN, 2014, p. 7).

Durante séculos, os presídios foram locais de aprisionamento masculino, pois os femininos eram mais parecidos com abrigos e casas de correção pautadas no trabalho. Isso se deve ao fato do índice de criminalidade cometido por mulheres ser considerado baixo, portanto, o Estado não se preocupava com a situação das infratoras.

Nesse sentido, o sistema carcerário está em constante evolução, pois as prisões antes eram construídas “por homens e para homens” (CARVALHO; FREITAS, 2016), entretanto, com o passar do tempo às penitenciárias foram moldadas a sociedade criminosa, que com seu desenvolvimento as mulheres passaram a fazer parte de indivíduos infratores que teriam que cumprir pena assim como os homens.

No entanto, as penitenciárias não eram adequadas para mulheres e, portanto, tiveram que ser ajustadas para receber as mesmas. Muitos presídios passaram a ser mistos, comportando os dois gêneros, com infraestrutura precária e sem lugar para acomodar esses indivíduos adequadamente.

Com o aumento da população carcerária, foi necessária uma adaptação do cárcere para receber as prisioneiras, assim sendo, foram criadas as penitenciárias femininas. “Ainda assim, é raríssimo encontrar um presídio feminino realmente construído com esse fim, pois em sua maioria, são adaptações de prédios já existentes, como antigos conventos, o que obviamente não fornece condições dignas” (BILIBIO et al, 2016, p. 394). Isso demonstra o descaso do Estado para com as mulheres em situação penal no país ao longo da história.

Sendo assim, faz-se necessário a atuação do Estado para uma melhor adequação das mulheres em situação de cárcere, como a construção de penitenciárias femininas que possuam meios para satisfazer as necessidades das prisioneiras, assim como, melhorarem a situação dessas mulheres.

Esse tema é relevante atualmente porque, são poucos os estudos voltados para o encarceramento feminino no Brasil, principalmente, pela ciência geográfica, ao passo que essa problemática é mais estudada por outras áreas do conhecimento. Dessa forma, Santos (2002, p.114) expressa que é função do geógrafo expor uma visão integral do mundo.

Há uma necessidade de discussão sobre a mulher encarcerada e do seu papel na sociedade. Isso ocorre por motivos de estereótipos enraizados no corpo social, há uma ideia de que as prisões são iguais e que homens e mulheres têm experiências similares no cárcere. “O estudo das prisões e da forma como acontecem às relações sociais e espaciais em seu interior é tema pouco explorado na academia, fato que reforça estereótipos sobre estes espaços” (ALVES, 2017, p. 37).

O trabalho tem como enfoque as mulheres encarceradas no Presídio Feminino de Pedrinhas, situado na BR 135, no bairro Pedrinhas. Única penitenciária feminina existente no estado do Maranhão.

Nesta perspectiva, faz-se necessário uma análise da classe social representada pelas internas de Pedrinhas, às relações desenvolvidas no cárcere, o envolvimento com o crime e a exposição à violência. Portanto, a pergunta respondida por esta pesquisa foi: Quem são as mulheres encarceradas no Presídio feminino de Pedrinhas?

Desta forma, o presente trabalho pode assim, chamar atenção do poder público e da academia para a situação das internas de Pedrinhas, subsidiando ações que cooperem para melhor ressocialização e reintegração dessas mulheres na sociedade.

Este trabalho teve como objetivo principal Traçar o perfil das mulheres em situação penal no Presídio Feminino de Pedrinhas, Maranhão. Os objetivos específicos foram: 1) Analisar os dados secundários relativos ao perfil social das mulheres encarceradas no Presídio Feminino de Pedrinhas; 2) Identificar a relação das mulheres encarceradas com o crime e a violência.

Mediante o levantamento e explanação do tema relacionado à prisão feminina o trabalho foi dividido em seis capítulos, incluindo o presente, que aborda de maneira geral o tema referente ao trabalho.

O segundo capítulo trata sobre o referencial teórico, com a exposição de conceitos relacionados ao estudo dos presídios femininos, a relação com a violência, com o cárcere, a formação do território baseado nas relações de poder.

O terceiro capítulo trata da área de estudo apresentada nesta pesquisa, o Presídio Feminino de Pedrinhas, discorrendo sobre o seu contexto histórico e a caracterização do mesmo, retratando atividades desenvolvidas no local e funcionamento.

O quarto capítulo se refere à metodologia utilizada, partindo da obtenção dos dados referentes às presas de Pedrinhas, o tratamento e elaboração dos produtos usados, assim como, a apresentação das fases da pesquisa.

O quinto capítulo retrata o perfil das mulheres presas em Pedrinhas, baseado nas análises dos resultados da espacialização dos dados secundários e a relação das internas com o crime e a violência firmados nas respostas das entrevistas aplicadas.

Por fim, o sexto capítulo, onde se expõe as considerações finais da pesquisa, mostrando um apanhado dos resultados adquiridos e recomendações para auxiliar na reintegração das internas a sociedade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Violência

Buscando compreender os conceitos usados na construção deste trabalho de conclusão de curso, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica referente ao conteúdo sobre violência para melhor absorção do assunto, assim como, sobre presídio feminino, cárcere e território.

Segundo Arruda (2015) a dinâmica das relações vividas no cárcere retrata com intensidade o domínio por meio do uso da força e que faz circular os pequenos poderes, gerando conflitos, desigualdades e violência. “[...] Na ‘sociedade terrorista’ reina um terror difuso. A violência permanece em estado latente” Lefebvre (1991, p. 158 apud ARRUDA, 2015, p. 26). Nesta perspectiva, a violência se torna parte integrante do cotidiano das encarceradas, o terror que oprime essas mulheres transcende os muros da penitenciária.

Em sua obra Geografia do crime e arquitetura do medo, Lira (2014, p. 23), declara que a palavra violência pode representar diversos significados. Minayo (2010, p.13) descreve que “a violência não é una, é múltipla”. Ela está ligada ao uso do poder, ao domínio, a posse do outro ou de bens, podendo afetar quem comete, quem sofre e quem presencia suas manifestações. Mediante isso, compreende-se que as relações desenvolvidas dentro das penitenciárias podem ser harmônicas ou desarmônicas, dependendo do comportamento e da ação de cada indivíduo.

Milton Santos (2000) afirma que nos dias de hoje, se fala muito em violência, admitindo geralmente que é quase um estado, situação característica do nosso tempo. Para ele, desviamos a atenção da violência estrutural e condenamos as violências periféricas particulares.

“A palavra “violência” vem do latim *violentia*, que se refere à vis que, por sua vez, quer dizer vigor e potência no emprego da força física, mas também quantidade, abundância [...]” Harper (2001, on-line apud LIRA 2014, p. 23). Uma maneira de um corpo exercer domínio sobre outro.

“A violência faz parte da natureza e funcionamento das prisões” Coelho (1987, p. 15 apud ZOMIGHANI, 2013, p. 151), onde aqueles que tem poder são dominantes no sistema penal, fazendo uso da mesma como forma para intensificar o controle sobre as pessoas em situação de cárcere.

Para Herkenhoff (1987, p. 24 apud ZOMIGHANI, 2013, p. 152) não se desvia a violência da prisão, pois a prisão é propriamente violenta. A prisão é um local de



promiscuidade, de valores nocivos, é prejudicial à saúde mental, enfim é, um local violento que não auxilia na reinserção dos prisioneiros a sociedade.

## 2.2 Presídio Feminino

Louzeiro (2017) afirma que até 1830 o Brasil ainda não tinha um código penal próprio, pois até então era colônia de Portugal. O país começou a reformar o sistema punitivo com a constituição de 1824 e foram banidas as punições de açoite, tortura e outras penas rigorosas.

Surgiram durante o século XIX as “prisões formadas por celas individuais e oficinas de trabalho bem como arquitetura própria para pena de prisão” Machado; Souza; Souza (2013 apud PINO 2017, p. 19). Bem parecidas com as de hoje.

Louzeiro (2017) alega que estudos datados de 1940 indicam que as mulheres eram mantidas em cárcere junto aos homens, sendo separadas e mantidas às vezes em celas específicas para elas, demonstrando que o Brasil era atrasado na sua conjuntura, uma vez que, outros países já tinham estabelecimentos específicos para o gênero. Já Bilibio et al. (2016) afirma que a primeira penitenciária feminina do Brasil data de 1937. O fato é que continua sendo poucos os presídios propriamente femininos no país.

“A população absoluta de mulheres encarceradas no sistema penitenciário cresceu 567% entre os anos 2000 e 2014, chegando ao patamar de 37.380 mulheres” (INFOPEN MULHERES, 2014, p. 10). Houve uma evolução na quantidade de mulheres presas, demonstrando que a população carcerária feminina no Brasil aumentou consideravelmente nos últimos anos. “Em Junho de 2016, a população prisional feminina atingiu a marca de 42 mil mulheres privadas de liberdade, o que representa um aumento de 656% em relação ao total registrado no início dos anos 2000.” (INFOPEN MULHERES, 2016, p. 14).

Atualmente as mulheres fazem parte da população prisional, assim como, os homens, pois Os presídios, que antes eram para homens, no presente exerce a função de cárcere para ambos os gêneros. “Durante séculos, o baixo índice de criminalidade cometida por mulheres, contribuiu decisivamente para o descaso do Estado quanto a iniciativas que se preocupassem com a situação das infratoras [...]” (ALVES, 2014, p. 239-240).

Segundo Bilibio et al. (2016) a negligência por parte do Estado em relação ao sistema penitenciário, não é específico dos dias de hoje, ela vem de anos. Neste contexto, as mulheres em situação penal, sofreram e sofrem mais que os homens.

O aumento da criminalidade entre mulheres reflete e contribui com a situação de superlotação nos presídios brasileiros no presente. São poucas as penitenciárias exclusivas

para elas no Brasil. Atualmente muitos estabelecimentos penais são mistos, servindo para aprisionar homens e mulheres. Muitos dos presídios femininos, não foram construídos com esse intuito, pois foram adaptados para aprisionar as mulheres em situação penal, ou seja, não se pensou em construir locais próprios para o aprisionamento feminino e os que foram construídos com esse propósito são insuficientes, como coloca Bilibio et al. (2016, p. 394-395):

Ainda assim, é raríssimo encontrar um presídio feminino realmente construído com esse fim, pois em sua maioria, são adaptações de prédios já existentes, como antigos conventos, colégios ou unidades para adolescentes, o que obviamente não fornece condições dignas. Em diversas partes do país, principalmente no interior, ainda não existem prisões exclusivamente femininas, assim, dentro dos presídios direcionados e estruturados ao público masculino (que geralmente encontram-se também em situação precária), é reservado um espaço isolado para o público feminino.

Nesta perspectiva, percebe-se que a discursão sobre a situação das mulheres encarceradas no país não é algo novo, diante disto, a falta de locais e estrutura para manter as prisioneiras indicam que essa situação permanece há tempos. “Evidencia-se que a preocupação com a existência de espaços carcerários adequados para mulheres é algo recente e que não está presente em todos os estados do país [...]” (ALVES, 2014, p. 240).

### 2.3 Cárcere e Território

O cárcere está ligado ao isolamento forçado de homens e mulheres e, conseqüentemente, a violência. É através dele que as pessoas que cometem crime são punidas, passando a viver aprisionadas. O crescimento no número de mulheres encarceradas no Brasil demonstra que a criminalidade, o cárcere e a violência estão cada vez mais evidentes no país.

A ocorrência do encarceramento da população feminina está relacionada com a inserção cada vez maior de mulheres no crime, geralmente ligadas ao tráfico de drogas. Segundo Bilibio *et. al* (2016), essas mulheres não encontram outra saída para sobreviver e sustentar suas famílias. Sendo assim, como coloca Bilibio et al. (2016, p. 396-397):

O aumento da população carcerária feminina de 567% em 15 anos é um número assustador. Assustador e preocupante. Principalmente por que as vagas, juntamente com as estruturas dos presídios não acompanham essa demanda, deixando essas mulheres vulneráveis e esquecidas pelo sistema prisional.

Nesta perspectiva, o entendimento do encarceramento feminino é importante para compreensão do cotidiano das mulheres que vivem em situação de cárcere e na reprodução das relações sociais desenvolvidas por elas.

Para Arruda (2015, p. 26):

A vida cotidiana carcerária se insere como um campo de disputa desenvolvida pelos detentos por uma normalidade dentro das unidades prisionais contribuindo para o estabelecimento de novos conflitos e desigualdades que aproximam o vivido no cárcere com a vida cotidiana da sociedade maior.

Partindo desse entendimento, compreende-se que o cotidiano das mulheres encarceradas assemelha-se ao vivido fora dos muros das prisões, pois ocorre o estabelecimento de relações sociais, desigualdades, violência e conflitos no ambiente interno das prisões, assim como, ocorre no dia-a-dia da sociedade que vive sob o domínio do medo. Neste sentido, ocorre uma construção e reconstrução do espaço ocupado pelas internas diariamente, utilizando a força como meio de sobrevivência e tornando o presídio um espaço demarcado pelo poder.

Como afirma Arruda (2015, p. 293 – 294):

É neste processo de construção e reconstrução do espaço e da vida na prisão, em suas práticas espaciais, que os detentos recortam espaços e vivenciam em suas práticas o espaço, o território, o poder (presente em todas as relações) e uma vida cotidiana carcerária.

Trata-se aqui, de um território formado a partir das relações de poder desenvolvidas dentro do cárcere. O território “é uma produção, a partir do espaço. [...] Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações” (RAFFESTIN 1993, p. 144). Assim sendo, essa produção é um modo de poder. Pois, quando um ator se apropria do espaço e nele expressa uma representação, ele “territorializa” o espaço. Devido a isso, é impossível manter relações que não sejam marcadas por poder.

O território “é fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA 1995, p. 78). O poder existe quando indivíduos agem juntos e acaba quando se separam.

O território é então formado por e a partir de relações sociais ligadas ao espaço baseadas no poder. “[...] como projeção espacial de uma relação de poder, o território é, no fundo, em si mesmo, uma relação social. Mais especificamente, uma relação social diretamente espacializada.” (SOUZA, 2018, p.35). E são essas relações sociais espacializadas praticadas pelos atores (internos, funcionários e visitantes) que fazem do presídio território.

Para Souza (2018) não é só o território que se forma a partir das relações de poder, o poder só é concebido com relação a um território e, constantemente por meio de um território. Pois, sempre haverá relações sociais ligadas ao espaço.

“Nessa concepção, território é o espaço onde aconteceu uma produção e/ou composição das relações entre pessoas e dessas com seu espaço, seja dentro de um espaço fechado (prisão) [...]” (PINO, 2019, p. 14). Por viverem em cárcere, o presídio acaba se tornando uma habitação para os detentos onde se desenvolve relações entre os mesmos, assim como, entre os funcionários e visitantes, relações essas marcadas pelo poder.

### 3 ÁREA DE ESTUDO: PENITENCIÁRIA FEMININA DE PEDRINHAS

#### 3.1 Contexto histórico

Segundo Sousa (2014) a Penitenciária Agrícola de Pedrinhas foi inaugurada no dia 13 de Dezembro de 1965, em São Luís do Maranhão. Tinha como atribuição receber condenados do sexo masculino da capital e do interior do estado. Situado as margens da BR 135, no bairro de Pedrinhas, com cerca de 26 km de distância do centro da cidade.

Com o aumento da contingência populacional na penitenciária e a falta de estrutura para acomodar os presidiários, foi necessário uma reforma para aumento e segurança do local. É conhecido atualmente como Complexo Penitenciário São Luís.

Foi somente no ano de 1988, que a penitenciária começou a receber prisioneiras do sexo feminino, passando assim, a ser misto.

Segundo Sousa (2014) o Presídio Feminino iniciou-se com 04 mulheres há 33 anos. As instalações eram precárias, pois as detentas eram mantidas em um quarto com quatro camas. Durante muito tempo, as mulheres não dispuseram de um local apropriado para pena de prisão. Como coloca Sousa (2014, p. 20):

Fiquei surpresa! Não havia grades, tudo era muito improvisado e sem nenhuma infraestrutura. Um quarto grande com banheiro e quatro camas, servia de cela para as internas. Outro quarto menor com banheiro seria ocupado por nós da segurança. E um terceiro, ainda menor, deveria ser para eventuais “problemas de comportamento”, ou seja, pequena cela de “isolamento”.

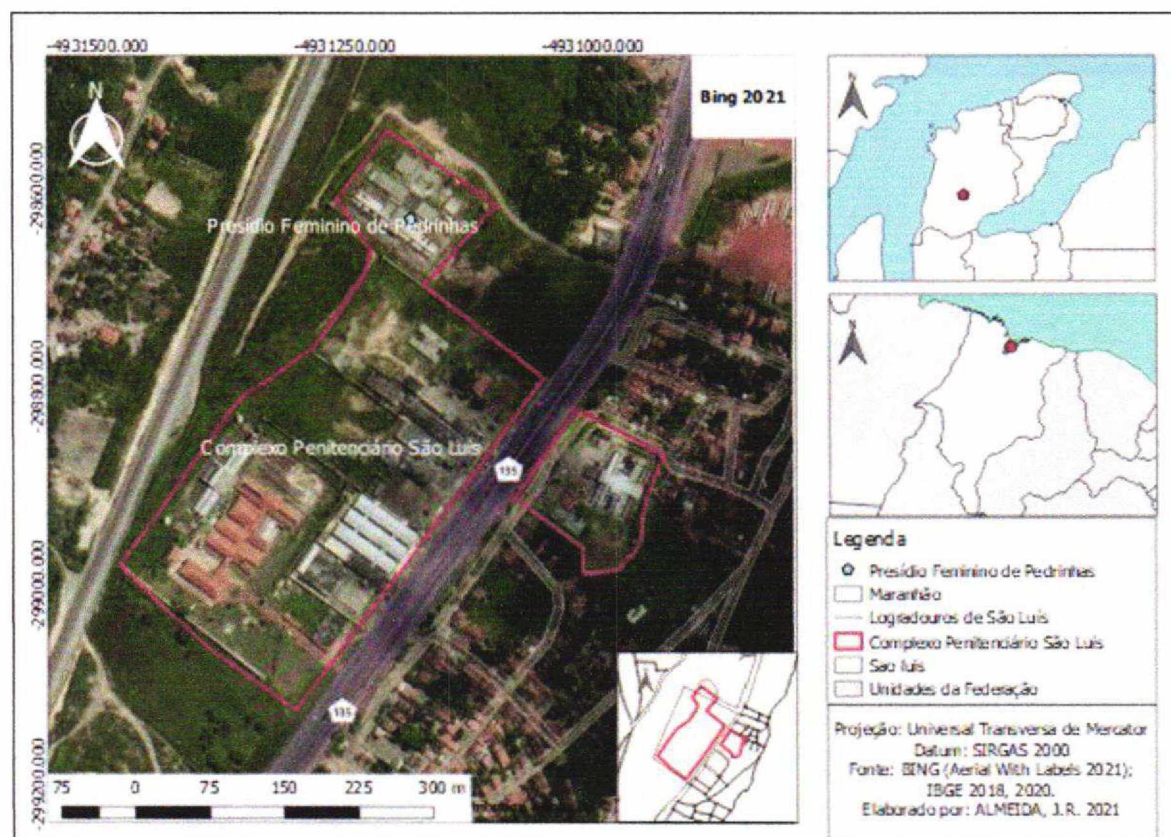
As agentes de segurança corriam riscos junto com as detentas, segundo Sousa (2014) o medo de serem atacadas por algum “preso” era enorme. Com o aumento no quantitativo de prisioneiras, foi preciso um local maior para receber as internas, por esse motivo, foi construído um Pavilhão para as presas do sexo feminino na estrutura interna da Penitenciária de Pedrinhas. Porém, a estrutura continuou inadequada.

No entanto, com o passar do tempo, aumento dessa comunidade carcerária, dificuldades enfrentadas, como a prostituição, o abuso e a falta de estrutura para satisfazer as necessidades básicas das mulheres encarceradas, foi realizado a realocação das mesmas para um presídio localizado no bairro do Olho D’água e mais ou menos nove anos atrás com a construção de um anexo ao antigo pavilhão foi criada a Penitenciária Feminina de Pedrinhas, nas dependências do Complexo Penitenciário São Luís, no ano de 2012.

### 3.2 Caracterização da Penitenciária Feminina de Pedrinhas

O Presídio Feminino de Pedrinhas faz parte integrante do Complexo Penitenciário de Pedrinhas, junto com o Centro de Custódia de Presos de Justiça (CCPJ), Casa de Detenção (CADET), Presídio São Luís I e II, Triagem e Centro de Detenção Provisória (CDP). Localiza-se a 15 km de São Luís, na BR 135, no Bairro Pedrinhas (**Figura 1**). O Prédio situa-se em um terreno acidentado, árido e impróprio para agricultura.

**Figura 1:** Mapa de localização da Penitenciária feminina de Pedrinhas



**Fonte:** IBGE 2018; Bing 2021.

A Penitenciária conta com sala de triagem, celas de alojamento, berçário (local onde as internas grávidas, que estão com bebês de colo e as de puerpério ficam, as crianças ficam com as mães de 06 meses a 01 ano), celas para visita íntima, espaço para banho de sol.

“Sua estrutura física perimetral, é composta por 34 celas que divide-se em 02 blocos para as presas sentenciadas e provisórias, onde cada uma comporta até 06 internas.” (LOUZEIRO 2017, p. 27). No entanto, o número de mulheres em situação penal é maior que a quantidade de celas disponíveis, o que ocasiona a superlotação no presídio.

Contém sala de psicologia, dentista, consultório médico, ginecologista, sala de repouso, parlatório, sala para realização de cursos EAD, sendo que, as internas não tem acesso à internet (todas se localizam no mesmo corredor e é uma sala para cada uma dessas atividades serem desenvolvidas). No corredor ao lado, há duas salas de aula, uma em frente à outra, no entanto com funções diferentes, uma é para a alfabetização e a outra para o ensino fundamental e médio. As mulheres em situação penal que estudam, o fazem por escolha própria, não são obrigadas a isso.

Há uma padaria que também é para trabalho das internas, local onde elas aprendem a fazer doces e salgados com cursos voltados para isso.

No local funciona uma malharia (faz parte do projeto arte casa da unidade prisional de ressocialização feminina). As peças fabricadas lá são vendidas em eventos que ocorrem durante o ano, como exemplo no carnaval.

Outro meio de trabalho para as presas é a fábrica de blocos de concreto, lá elas produzem de 300 a 500 blocos por dia, esses blocos são usados pelo governo em construções e reformas pela cidade, como no projeto rua digna, segundo a diretora administrativa da unidade. Funciona pela manhã e pela tarde, devido à demanda, são 12 internas no total, então 06 trabalham na parte da manhã e 06 à tarde, pois só há uma pessoa responsável pelo serviço e ele não daria conta de ensinar e controlar as 12 juntas.

As internas trabalham no presídio para ter remissão de pena, elas fazem trabalho de 12 h por 01 dia de pena.

Na parte superior da Penitenciária, funciona a área administrativa, local onde os policiais penais encarregados de toda a parte burocrática atuam.

Existem internas que trabalham com os agentes penitenciários, por esse motivo, ficam juntas em uma cela separada para elas, pois entram e saem no mesmo horário. As internas que prestam serviço ganham remissão de pena e experiência profissional, assim, ao saírem podem tentar oportunidades de trabalho nas áreas que atuam.

As prisioneiras têm participação em atividades e escolhas dentro do presídio, sendo um meio utilizado pelas agentes de execuções penais de envolver e incentivar as detentas a cooperar com a organização dentro da penitenciária.

Como indica Louzeiro (2017, p. 27):

De acordo com a segurança da Unidade, as carceragens foram “batizadas” pelas próprias detentas, nomeadas assim com nome de flores. O Pavilhão das então presas provisórias, é chamado de Margaridas, já o das sentenciadas é

Orquídeas. Quanto ao berçário, é intitulado Lírio do Campo e o local-espço para o banho de sol, são os Solários.

No Presídio, há o processo disciplinar de internos (PDI) que funciona como medida de controle, organização, norma e condicionamento para os internos. O PDI é um método disciplinar aplicado aos detentos em caso de desobediência das regras, é empregado através de audiências ocorridas no presídio, as prisioneiras podem perder os dias de remissão de pena conquistados, isso depende do comportamento da interna.

O presídio contém uma biblioteca para as internas, onde elas podem estudar ou ler como hobbie. As detentas podem escolher os livros que gostariam de ler, têm diversos Gêneros, do romance a literatura, da História a Geografia. Na penitenciária aceitam doações de livros para compor as coleções de obras para leitura das presas (não se usa mais o termo “preso” e sim, pessoa em situação penal) e os agentes penitenciários são classificados como polícia penal.

Na cozinha da penitenciária, as detentas são responsáveis pela preparação de todas as refeições do dia e da unidade, sendo que são selecionadas as prisioneiras para essa função.

A Penitenciária Feminina de Pedrinhas é um estabelecimento destinado a vários tipos de regimes. Louzeiro (2017) afirma:

Nesta Penitenciária Feminina de São Luís convivem presas de Regime Fechado com presas provisórias e o que é pior, presas confinadas no Regime Semi aberto que teriam direito ao trabalho no período diurno e descanso no período noturno. Com relação ao regime Aberto as internas desse presídio ao serem beneficiadas com esta progressão de regime, são agraciadas com a Prisão Domiciliar determinada pela justiça, tendo em vista não haver Casa de Albergado Feminino.

Na penitenciária, existem programas de ressocialização e reintegração das internas de Pedrinhas, como o projeto arte casa da unidade prisional de ressocialização feminina.

#### **4 METODOLOGIA**

A pesquisa foi baseada em uma abordagem quali-quantitativa. Foram utilizados dados secundários obtidos do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC), do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) e Sistemas de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN).



#### 4.1 Levantamento Bibliográfico

Para a realização dos procedimentos metodológicos fundamentais para este trabalho, foi feito inicialmente pesquisa e levantamento bibliográfico, que segundo Menezes et al. (2019) é uma pesquisa que utiliza fontes bibliográficas ou material elaborado, como artigos científicos, revistas, publicações periódicas, livros, impressos diversos ou textos extraídos da internet. A partir desta etapa, foi realizada uma procura por material que abordasse o tema proposto da presente pesquisa. Na próxima fase foi elaborado o banco de dados essencial para análise e revisão sobre a população carcerária do Presídio Feminino de Pedrinhas.

#### 4.2 Coleta e Organização dos Dados

Como parte dos procedimentos metodológicos, foi realizada a coleta dos dados secundários extraídos do IMESC, DEPEN, INFOPEN e SISDEPEN, os dados são referentes aos anos de 2019 e 2020. Os dados sobre as informações pessoais dos presidiários de Pedrinhas são relacionados ao ano de 2019, pois somente havia informações desse ano. Os mesmos são representados em escala estadual, relativo ao estado do Maranhão que correspondem a informações relacionadas à população carcerária.

Os dados da população carcerária e dos estabelecimentos penais foram organizados pelas informações contidas (**Quadro 1**). Logo após, foi necessário fazer a separação das informações dos elementos relativos às internas do Presídio Feminino de Pedrinhas dos alusivos aos internos das unidades prisionais do Maranhão, pois os dados secundários obtidos são materiais que contém aspectos concernentes a ambos os gêneros.

Em seguida, foi feito o tratamento dos dados no programa Microsoft Excel 2010, onde foi realizada divisão por faixa etária, cor, escolaridade, naturalidade e estabelecimentos penais. Depois, foi feita a transferência dos dados para o aplicativo LibreOffice Calc e salvos em formato de dbase<sup>1</sup> e com essas informações foi realizada a união da tabela do banco de dados com a tabela de atributos do *shapfile*<sup>2</sup> da malha municipal do Maranhão fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo assim, possível a espacialização dos dados quantitativos.

---

<sup>1</sup> Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados.

<sup>2</sup> Formato de arquivo vetorial que contém dados geoespaciais utilizados em sistemas de informações geográficas.

**Quadro 1:** Organização dos dados utilizados

Fonte de dados	Informações dos dados	Ano	Escala de trabalho
IMESC	Informações pessoais dos presidiários de Pedrinhas	2019	Estadual
DEPEN SISDEPEN	População carcerária	2019	Estadual
INFOPEN	Estabelecimentos penais e População carcerária	2020	Estadual

Fonte: A autora, 2021.

Foi realizado trabalho de campo<sup>3</sup> no Presídio Feminino de Pedrinhas nos dias 14 de novembro e 19 de dezembro de 2019. O primeiro foi realizado pelos pesquisadores: Carlos Daniel, Jaicia Almeida e Milena da Silva, pelo professor orientador Silas Nogueira de Melo, com acompanhamento da Funcionária da Unidade de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário do Tribunal de Justiça do Maranhão (UMF) Ana Lúcia.

O Campo iniciou-se as 09h00min da manhã. Para entrar no presídio os pesquisadores se identificaram na portaria e passaram por revista. A Diretora administrativa da penitenciária recebeu os mesmos e os guiou pelas dependências do local.

A segunda ida a Penitenciária feminina iniciou-se as 09h00min da manhã com o intuito de entrevistar internas e agentes penitenciárias. Os pesquisadores: Milena da Silva, Jaicia Almeida e Carlos Daniel foram acompanhados pelo funcionário da UMF Vitor e recepcionados pela diretora de segurança e disciplina do presídio.

Os mesmos foram encaminhados para uma sala na parte superior do presídio, onde puderam realizar as entrevistas com cinco internas e quatro agentes. O tipo de entrevista utilizada por esta pesquisa foi a semiestruturada, uma vez que, com o decorrer das respostas foram surgindo novos questionamentos.

### 4.3 Elaboração dos Produtos Utilizados

Para a elaboração dos gráficos de escolaridade e cor das internas, foi feita a distribuição por quantidade de prisioneiras de acordo com a característica de cada uma, logo após, foi calculado a porcentagem referente ao grau de escolaridade e a cor das detentas no

<sup>3</sup> Devido à pandemia de Covid-19, não foi possível realizar novo campo, pois as visitas foram interrompidas.

programa Microsoft Excel 2010, usando a porcentagem foi elaborado os gráficos: (Pizza) relativo à cor e (barra) relacionado à escolaridade das mulheres presas em Pedrinhas.

Foram elaboradas tabelas sobre frequência absoluta da naturalidade das internas que não são do estado do Maranhão e dos estabelecimentos penais mistos e feminino do estado, usando informações da DEPEN e do INFOPEN para a produção das mesmas. Para a elaboração da tabela de frequência absoluta, foi realizada a separação da naturalidade das presas do estado do Maranhão das prisioneiras de outros estados. Logo após foi realizada a contagem das internas de mesma naturalidade, sendo possível saber a frequência absoluta da variável de naturalidade das internas de Pedrinhas.

Foram utilizados mapas de malha municipal e das unidades da federação do IBGE 2019 no formato shapefile em uma escala de 1: 1.000.000, de setores censitários do IMESC 2017 em escala de 1: 250.000. Esses mapas foram manuseados para a elaboração dos mapas de localização da área de estudo, da naturalidade das presas e dos estabelecimentos penais.

Na elaboração dos mapas temáticos foi utilizado o software QGIS Desktop 2.18.0 para organização do banco de dados e acabamento de Layout. Para o mapa de localização do Presídio feminino de Pedrinhas, foi realizada a retirada do polígono delimitando a área do Complexo Penitenciário São Luís do programa Google Earth Pro no formato KML, foi transferido para o QGIS 2.18.0 e transformado em shapefile, assim, foi possível a produção do mapa.

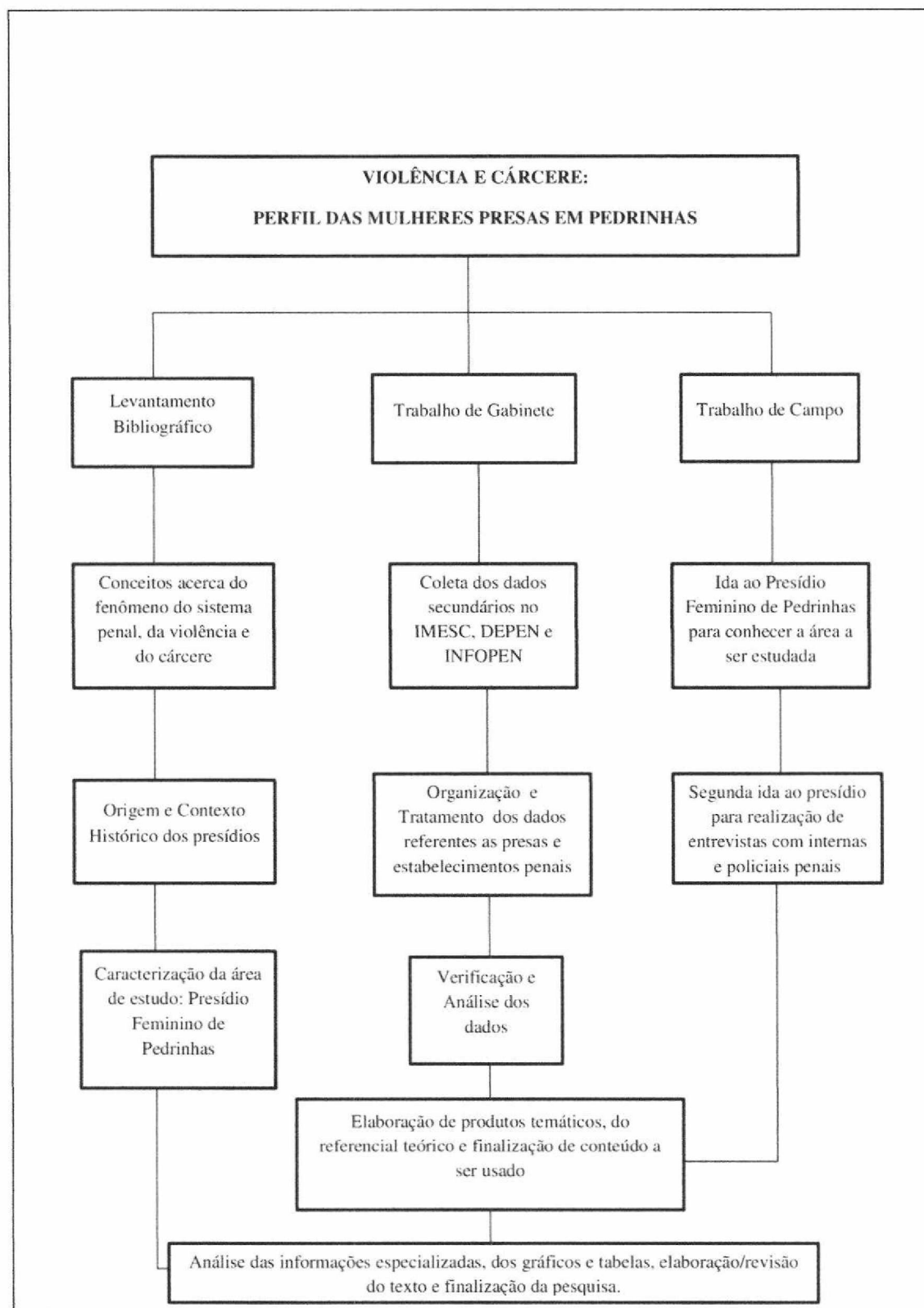
O mapa de naturalidade das presas foi elaborado com as informações sobre as prisioneiras nascidas no Maranhão, após ter sido realizado a união da tabela de dados do IMESC com a tabela de atributos da malha municipal do IBGE.

O mapa de estabelecimentos penais foi produzido a partir da localização dos municípios que contém estabelecimentos mistos e feminino no estado. As informações foram obtidas no INFOPEN. Para a elaboração do mapa foi realizada a seleção dos municípios no mapa da malha municipal do IBGE e salvo como feições selecionadas.

Foram elaborados quadros com as respostas das entrevistas realizadas na penitenciária feminina, para melhor compreensão do resultado obtido.

Posteriormente, incluiu um fluxograma (**Figura 2**) contendo as atividades desenvolvidas na pesquisa sobre a Violência e Cárcere: Perfil das mulheres presas em Pedrinhas, para a compreensão das fases percorridas na pesquisa.

**Figura 2:** Fluxograma das fases da pesquisa



Fonte: A autora, 2021.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

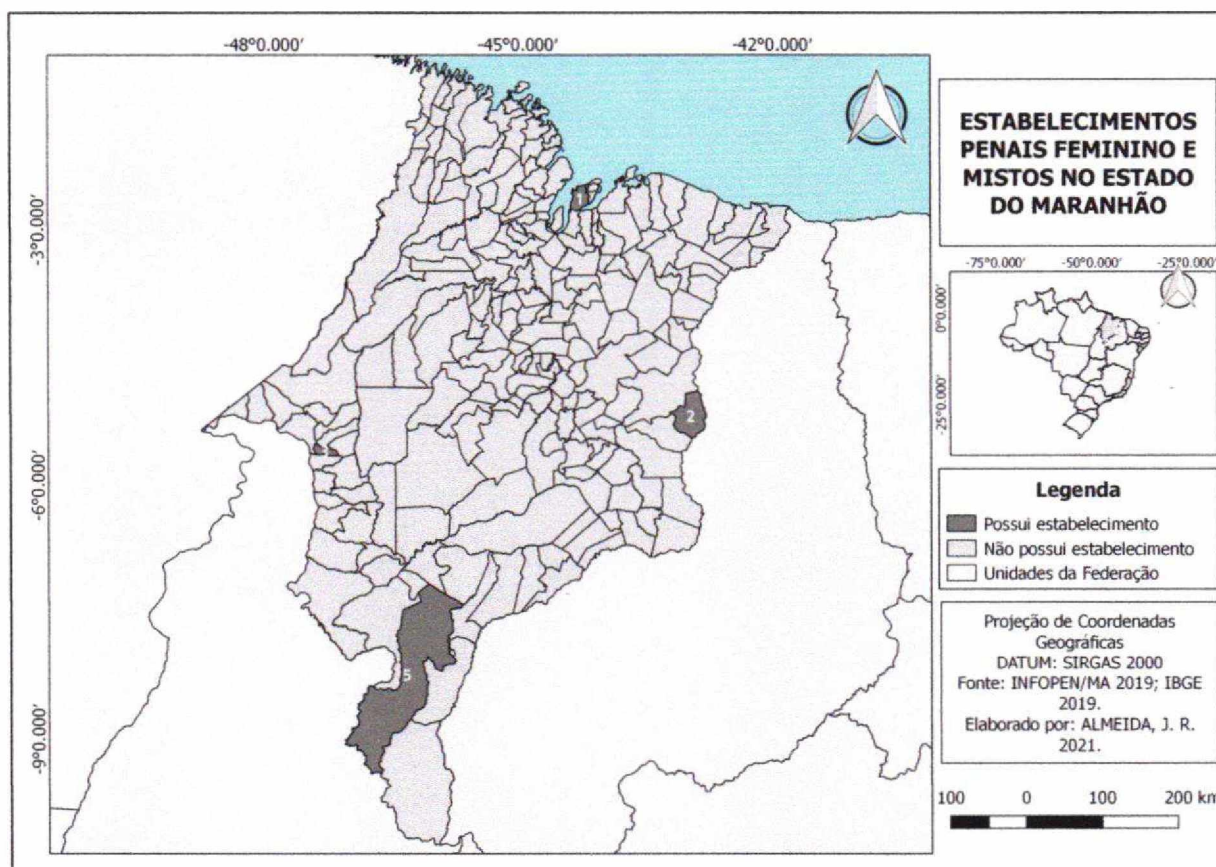
Essa pesquisa visa conhecer o perfil das mulheres em situação penal do Presídio Feminino de Pedrinhas, através de variáveis que demonstram os aspectos espaciais e sociais, assim como, aplicação de entrevistas para assimilar da melhor forma possível o elemento estudado.

### 5.1 Distribuição dos Estabelecimentos Penais

Há somente um estabelecimento penal para mulheres no estado do Maranhão. O Presídio feminino de Pedrinhas, que foi construído com a intenção de receber as prisioneiras da capital, de outros municípios e de outros estados, caso, fossem presas no maranhão.

Foi elaborado um mapa (**Figura 3**) que demonstra a distribuição espacial dos estabelecimentos penais mistos e feminino do estado e uma tabela com dados extraídos do INFOPEN 2020 (**Tabela 1**).

**Figura 3:** Estabelecimentos Penais Mistos e Feminino no Maranhão



Fonte: INFOPEN, 2020.

**Tabela 1:** Informações sobre os estabelecimentos penais

Estabelecimento	Capacidade do Estabelecimento   Masculino   Total	Capacidade do Estabelecimento   Feminino   Total	O estabelecimento foi concebido ou adaptado como estabelecimento penal?
Penitenciária Regional de Pedreiras	196	12	Concebido como estabelecimento penal
Unidade Prisional de Ressocialização de Balsas	154	15	Adaptado para estabelecimento penal
Unidade Prisional de Ressocialização de Davinópolis	86	18	Adaptado para estabelecimento penal
Unidade Prisional de Ressocialização de Timon	332	24	Concebido como estabelecimento penal
Unidade Prisional de Ressocialização Feminina (Complexo de Pedrinhas)		324	Concebido como estabelecimento penal

Fonte: INFOPEN, 2020.

Há estabelecimento penal misto nos municípios de Pedreiras, que tem capacidade total de 196 presos masculinos e 12 prisioneiras femininas, o mesmo foi concebido como estabelecimento penal, é destinado ao cumprimento de pena em regime fechado, situa-se no Povoado Barrugyda do Insono na MA-122, S/N.

Balsas, com capacidade total de 154 presos e 15 presas, o estabelecimento foi adaptado para ser presídio, é destinado a diversos tipos de regimes, sendo que contém 100 presos provisórios, 58 prisioneiros em regime fechado e 11 em regime semiaberto entre homens e mulheres. Situa-se no bairro Nazaré, na AV. Contorno, S/N.

Davinópolis, com capacidade total de 86 presos e 18 internas, foi adaptado como estabelecimento penal, é destinado a diversos tipos de regimes, contém 56 presos provisórios, 04 prisioneiras em regime fechado e 44 detentos em regime semiaberto. Localiza-se no bairro Mangueira, na Rua Presidente Vargas, S/N.

Timon tem capacidade de 332 internos e 24 presas, foi concebido como estabelecimento penal, é destinado a diversos tipos de regimes, contém 166 presos provisórios, 120 presos em regime fechado e 70 prisioneiros em regime semiaberto entre homens e mulheres. Situa-se no bairro Flores, na Rua 90, S/N.

São Luís, foi concebido como estabelecimento penal, é destinado a diversos tipos de regimes, com capacidade de 324 prisioneiras no total. Sendo um estabelecimento para

mulheres no Maranhão. O mesmo recebe presas de todo o estado. Contem 150 internas provisórias, 174 em regime fechado, 55 sentenciadas em regime semiaberto e 08 sentenciadas em regime aberto. Situa-se no bairro Pedrinhas, na AV. Engenheiro Emiliano Macieira, S/N (BR 135).

Pode-se afirmar que, os estabelecimentos penais mistos não tem infraestrutura e nem capacidade para receber mulheres, uma vez que, as mesmas têm necessidades básicas que precisam ser satisfeitas, quando uma delas engravida, precisa de um local adequado para ficar com a criança (berçário), sendo que, não tem nas penitenciárias mistas, já que foi construído para receber os homens.

O Presídio Feminino de Pedrinhas acaba saturado, pois tem como destino receber as prisioneiras do estado e de outros estados que são pegas em flagrantes no maranhão. Essa é só mais uma realidade no Brasil, pois são poucos os estabelecimentos penais só para mulheres no país.

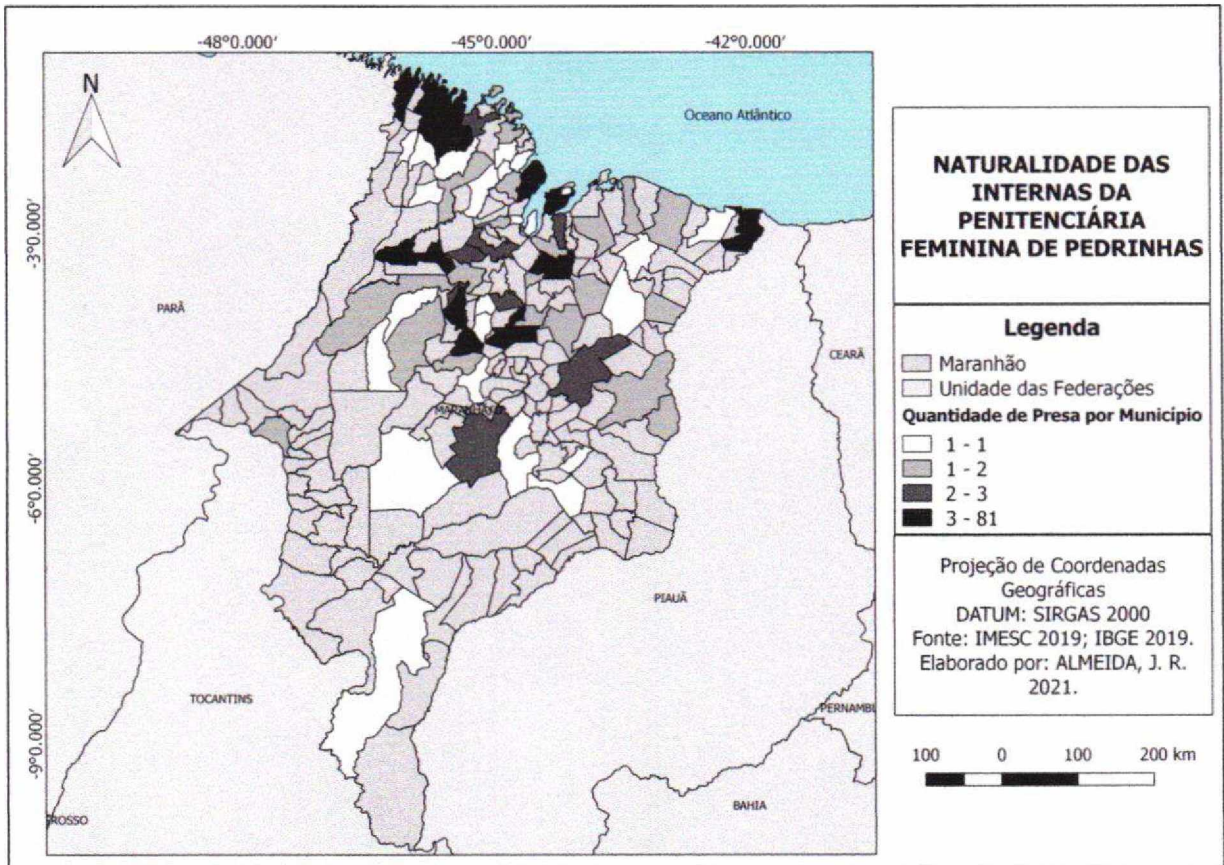
## **5.2 Distribuição Espacial da Naturalidade das Presas**

Foi elaborado um mapa temático demonstrando a distribuição espacial da naturalidade das internas (**Figura 4**) e a quantidade de prisioneiras por município, o que expõe de forma sucinta a necessidade de construção de outra Unidade Prisional Feminina no Maranhão, pois a única existente no estado é a Penitenciária Feminina de Pedrinhas. O (**Quadro 2**) demonstra os municípios representados no mapa.

Essa distribuição espacial ocorre devido às mulheres condenadas por algum crime serem transferidas para cumprir a pena no único estabelecimento penal propriamente feminino existente no estado, que se situa na capital, onde há detentas de todas as idades, raças e que cometeram delitos diferentes.

Percebe-se que a maioria das prisioneiras é natural de municípios localizados no interior do estado, o que explica o deslocamento das prisioneiras para a capital, pois os mesmos não têm infraestrutura e nenhum outro estabelecimento feminino mais próximo para enviar suas prisioneiras.

**Figura 4:** Naturalidade e quantidade de presas por município



Fonte: IMESC, 2019.

Assim como, há mulheres que estão em cárcere no presídio feminino de Pedrinhas com naturalidade de outros estados, como Piauí, Alagoas, Amazonas, Paraíba, Ceará, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo entre outros. Foi elaborada uma tabela de frequência absoluta demonstrando o número de presas do mesmo município (naturais de outros estados da federação), utilizando dados do IMESC. A frequência absoluta (**Tabela 2**) mostra à quantidade de vezes que uma variável se repetiu, neste caso, a quantidade de presas de mesma naturalidade. Essas mulheres estão em cárcere na penitenciária de pedrinhas por terem sido presas cometendo delitos no estado e muitas das vezes por terem se mudado para o Maranhão onde começaram ou continuaram a cometer crimes.



**Quadro 2:** Municípios representados na figura 4

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>MUNICÍPIO</b>
Paulo Ramos	Cururupu
Itapecuru Mirim	Maracaçumé
Central do Maranhão	Pinheiro
Vitorino Freire	Tuntum
Bom Jardim	Santa Helena
Conceição do Lago-Açu	Penalva
Timon	Monção
Pindaré Mirim	Cândido Mendes
São Luís	Bacabal
Turilândia	Tutóia
Barreirinhas	Urbano Santos
Imperatriz	Paço do Lumiar
Caxias	Santa Luzia do Paruá
Santa Rita	São José de Ribamar
Colinas	Coroatá
Primeira Cruz	Morros
São Vicente Ferrer	Miranda do Norte
Pio XII	Zé Doca
Godofredo Viana	Buriticupu
Balsas	Vargem Grande
Olho D'água das Cunhãs	Lago da Pedra
Governador Nunes Freire	Turiação
Santa Inês	Alcântara
Fortuna	Bequimão
Santa Luzia	São Mateus do Maranhão
Cajapió	Araioses
Mirinzal	Barra do Corda
Chapadinha	Guimarães
Alto Alegre do Pindaré	Rosário
Codó	Carutapera
Viana	Bacuri
Grajaú	Buriti

Fonte: IMESC, 2019.

**Tabela 2:** Frequência absoluta da Naturalidade das presas de outros estados.

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>FREQUÊNCIA ABSOLUTA</b>
<b>Penedo</b>	1
<b>Urucará</b>	1
<b>Tauá</b>	1
<b>Osasco</b>	1
<b>Parauapebas</b>	1
<b>Viseu</b>	1
<b>Piranhas</b>	1
<b>Campo Maior</b>	1
<b>Fortaleza</b>	1
<b>Alto Longá</b>	1
<b>Esperantina</b>	1
<b>Almeirim</b>	1
<b>Miguel Alves</b>	1
<b>Peixoto de Azevedo</b>	1
<b>Itumbiara</b>	1
<b>São Paulo</b>	1
<b>Campo Grande</b>	1
<b>Muribeca</b>	1
<b>Bragança</b>	2
<b>Xinguara</b>	2
<b>Campina Grande</b>	2
<b>Teresina</b>	3
<b>Parnaíba</b>	3
<b>Total</b>	30

Fonte: IMESC, 2019.

É no presídio feminino de Pedrinhas que as mulheres em situação penal cumprem sua pena, por passarem anos em cárcere, o presídio acaba se tornando uma habitação para muitas, conseqüentemente há a formação do território marcado pelas relações de poder, pela violência praticada ou sofrida fora ou dentro do cárcere, pela disputa por espaço, na organização do presídio, no aprisionamento interno, no trabalho prestado dentro do cárcere, na aprendizagem, na convivência, no cárcere, no cotidiano.

### 5.3 Idade e Cor das Presas

Referente à idade das internas, observa-se que elas variam de 19 a 66 anos, sendo que há um quantitativo de 86 mulheres na faixa etária de 19 a 30 anos, 138 entre 31 a 50 anos e 19 mulheres com idade entre 51 e 66 anos. A média da idade das prisioneiras é de 35, 13 anos. Nota-se que a grande maioria das prisioneiras, são mulheres acima dos 30 anos.

Sendo que, há uma inserção cada vez maior de adolescentes na criminalidade, pode-se dizer que provavelmente, esse fato pode vir a mudar, ocorrendo uma inversão na quantidade de mulheres abaixo dos 25 anos em situação penal no Maranhão.

A maioria das internas esta presa por tráfico de drogas, o terceiro crime mais cometido no país, segundo os dados obtidos pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN, 2017). Muitas são usuárias que foram enquadradas como traficantes, sendo por causa de parceiros envolvidos no crime ou por trabalhar para terceiros, como uma forma de pagar dívidas ou adquirir entorpecentes.

Relacionado à cor das mulheres em situação penal no Presídio feminino de Pedrinhas, observa-se uma supremacia da cor parda, 61% das mulheres se autodeclararam dessa cor. Sendo que há uma mulher autodeclarada indígena, no entanto, no (Gráfico 1) aparece como 0%, pois a quantidade é irrelevante as outras cores, que contam com 20% de mulheres pretas, 17% de brancas e 2% de amarelas.

**Gráfico 1:** Cor das Presas do Presídio Feminino de Pedrinhas



Fonte: IMESC, 2019.

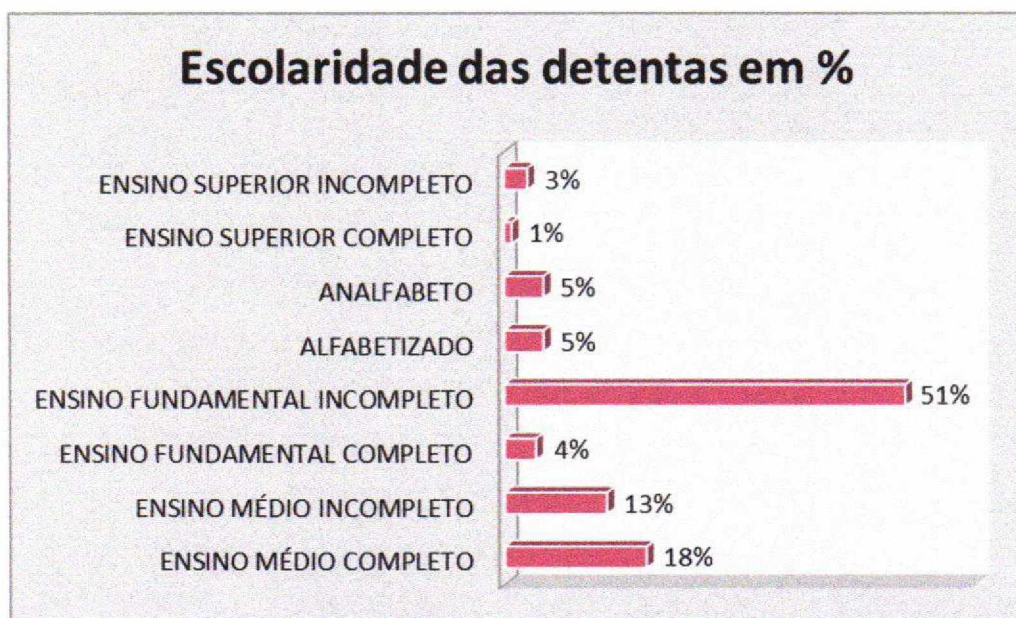
Isso se deve ao racismo estrutural, da sociedade ser racista e preconceituosa, pois remete ao passado de escravidão, onde o negro era considerado inferior ao branco e, o índio era tratado como um ser que deveria ser controlado/dizimado, uma vez que, a escravização dos mesmos era mais complicada.

Devido a isso, a sociedade atual, é desigual, pois as oportunidades de emprego, educação e renda são diferenciadas às pessoas, uma vez que, são divididas em classes sociais, onde os que mais padecem são os negros e índios, que carregam até hoje as marcas da escravidão e colonização.

#### 5.4 Escolaridade das Internas

Relativo à escolaridade das prisioneiras (**Gráfico 2**), nota-se que 51% não completou o ensino fundamental, o que mostra uma incompetência por parte dos órgãos educacionais em manter essas mulheres na escola, assim como a falta de assistência do governo a essas pessoas, pois muitas largam a escola a procura de trabalho para ajudar em casa e acabam se envolvendo com a criminalidade.

**Gráfico 2:** Escolaridade das Internas de Pedrinhas



**Fonte:** IMESC, 2019.

Observa-se que, 3% das mulheres em cárcere tem ensino superior incompleto, 1% completou o ensino superior, 5% são analfabetas, 5% são alfabetizadas, 4% completou o ensino fundamental, 13% têm o ensino médio incompleto e 18% tem o ensino médio completo. Esses dados são referentes ao total de 174 mulheres analisadas, uma vez que, não há essa informação para 94 mulheres nos dados utilizados.

No entanto, as prisioneiras que são analfabetas, que têm o ensino fundamental e médio incompletos, podem voltar a estudar, pois dentro do presídio feminino de Pedrinhas há salas disponíveis para que as mesmas possam estudar. As que não estudam, trabalham lá dentro, tornando assim, as prisioneiras participativas e engajadas nas atividades desenvolvidas na penitenciária, o que acaba com o tempo ocioso das mesmas.

Muitas se esforçam para aprender e se qualificar para o mercado de trabalho, na esperança de quando saírem possam recomeçar uma nova vida e fazer parte novamente da sociedade.

Pode-se afirmar que, o perfil das mulheres em situação penal no presídio feminino de Pedrinhas tem como maioria, internas autodeclaradas pardas, acima dos 30 anos de idade e com o ensino fundamental incompleto. Isso não significa que, não exista mulheres de idades, cores e escolaridade variadas.

### **5.5 Entrevistas com Internas e Agentes: Relação das Presas com o crime e a Violência**

Para identificar a relação das internas com o crime e a violência, foi realizado dois trabalhos de campo, sendo que no segundo (**Figura 5**), foram aplicadas entrevistas com internas e agentes.

As entrevistas foram realizadas no Presídio Feminino de Pedrinhas, em uma sala (direção) localizada na parte superior do prédio. As mesmas foram aplicadas com cinco internas e quatro agentes.

A maioria das entrevistadas é de cidades localizadas no continente, grande parte está presa por tráfico de drogas e todas responderam a mesma coisa quando perguntadas sobre o que leva uma pessoa a cometer crimes?

*Não sei!*

**Figura 5:** Ida a Penitenciária Feminina de Pedrinhas para realização das entrevistas



Fonte: Própria pesquisa.

Infere-se que a maioria das mulheres em situação de cárcere não fala sobre o que leva uma pessoa a cometer crime, por motivos como vergonha, não querer falar ou por realmente não saber, elas entram para o crime muitas das vezes sem perceber, algumas começam com o uso de drogas e acabam sendo presas por tráfico ou associação. “Os crimes relacionados ao tráfico de drogas, correspondem a 62% de incidências penais as quais as mulheres estão condenadas ou aguardam julgamento” (INFOPEN MULHERES, 2016).

Segundo Sistemas de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN, 2019) no Maranhão eram 440 mulheres presas por drogas ou tipificações (**Tabela 3**). Sendo que 87 mulheres estão presas por tráfico de drogas, 352 por associação para o tráfico e 01 por tráfico internacional de drogas.

**Tabela 3:** Mulheres presas por Drogas no Maranhão em 2019

<b>Grupo: Drogas (Lei 6.368/76 e Lei 11.343/06)</b>	<b>440</b>
<b>Tráfico de drogas (Art. 12 da Lei 6.368/76 e Art. 33 da Lei 11.343/06)</b>	<b>87</b>
<b>Associação para o tráfico (Art. 14 da Lei 6.368/76 e Art. 35 da Lei 11.343/06)</b>	<b>352</b>
<b>Tráfico internacional de drogas (Art. 18 da Lei 6.368/76 e Art. 33 e 40, inciso I da Lei 11.343/06)</b>	<b>1</b>

Fonte: SISDEPEN, 2019.

- **Entrevistas (Internas)**

1. De onde você é?
2. Você tem contato com seus familiares? Se sim, com qual frequência?
3. O que levou você ao crime? (Como foi o processo)
4. Com quantos anos você cometeu seu primeiro crime?
5. Você já sofreu algum tipo de violência?
6. Para você o que leva uma pessoa a cometer crimes?

Nos (**Quadros 3, 4 e 5**) estão às respostas das internas relacionadas ao crime e violência.

**Quadro 3:** Resposta das internas sobre o crime

<b>O QUE LEVOU VOCÊ AO CRIME?</b>	
<b>ENTREVISTADAS:</b>	<b>RESPOSTAS:</b>
<b>Interna 1</b>	Fui fazer um favor para meu irmão que estava preso, não considero um crime!
<b>Interna 2</b>	Necessidade e tráfico de drogas
<b>Interna 3</b>	Nunca estive no crime!
<b>Interna 4</b>	Nem eu sei
<b>Interna 5</b>	Uso de drogas

Fonte: Própria pesquisa, 2019.

**Quadro 4:** Resposta das internas sobre violência sofrida

<b>VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA?</b>	
<b>ENTREVISTADAS:</b>	<b>RESPOSTAS:</b>
Interna 1	Não
Interna 2	Não
Interna 3	Não
Interna 4	Não
Interna 5	Sim, abuso sexual

Fonte: Própria pesquisa, 2019.

**Figura 5:** Resposta das internas sobre o que leva a cometer crime

<b>PARA VOCÊ O QUE LEVA UMA PESSOA A COMETER CRIME?</b>	
<b>ENTREVISTADAS:</b>	<b>RESPOSTAS:</b>
Interna 1	Não sei responder
Interna 2	Não sei responder
Interna 3	Não sei, falta de estudo, da família
Interna 4	Não sei explicar
Interna 5	Não sei

Fonte: Própria pesquisa, 2019.

Observa-se pela resposta das entrevistadas que a maioria não sabe explicar o que leva uma pessoa a cometer crimes, ou simplesmente não querem falar sobre o assunto. A maioria respondeu que nunca sofreu nenhum tipo de violência, seja dentro ou fora do presídio. As entrevistadas 1 e 3 não consideram crime o ato que as levou a serem presas, a 2 falou que foi a necessidade ( não quis especificar qual a necessidade), a 4 disse que não sabia e a entrevistada 5 falou que foi o uso de drogas.

As internas entrevistadas estão presas por: Interceptação criminosa, tráfico de drogas, associação criminosa – extorsão – armamento de fogo, homicídio e tráfico de drogas, respectivamente.

Uma das prisioneiras entrevistada relatou seu arrependimento pelo crime cometido e pela consequência dos seus atos, que há levou à penitenciária.



*Nenhum crime compensa a gente a vir pra cá, no caso assim, nenhuma população, ninguém merece a gente fazer nada de mal, entendeu! Para virmos parar aqui, não dizendo que eles maltratam a gente, entendeu! É a gente mesmo que se maltrata num lugar desse, assim no caso, a gente fica longe da família, é muito difícil, é um sofrimento muito grande ficar longe dos filhos, quem tem filho! Isso aí, faz com que as pessoas raciocinem, analisem as coisas, que não é o certo, entendeu! Quando sair, pra não fazer mais, eu pelo menos penso assim, quando eu sair, eu não volto mais pra um lugar desse aqui não! Por que assim, eu tô aqui pelos meus erros, algumas coisas que não parei para pensar e acabei fazendo coisas erradas e vim parar aqui, hoje eu penso diferente, sou outra pessoa, não penso do jeito pensava antes, só quero sair daqui e ficar com minha filha e minhas irmãs e não quero assim, nem me aproximar de ninguém que faça coisas erradas pra mim não voltar pra cá, então assim, a pessoa que sai daqui, vem a primeira vez, sai e volta é porque quer, penso desse jeito hoje, por que a gente tem várias oportunidades pra não voltar pra cá, aqui mesmo no presídio eles dão novas oportunidades pra gente, a gente faz curso, a gente trabalha, a gente estuda, tenta analisar as coisas que fizemos errado, que não é o certo, mas assim, aqui há pessoas que sai melhores e outras que sai piores, o presídio é para ressocializar as internas, realmente, aqui a gente estuda, trabalha, participa de oficina, tudo tem aqui e eu trabalho desde que cheguei aqui, nunca tive um PDI, nunca discuti com eles (agentes), porque assim, eles ainda arriscam a vida deles para cuidar de nós aqui, eles não tem culpa de eu está aqui, então eu sempre os respeito.*

Nota-se com o relato que ocorre violência verbal e psicológica entre as internas, quando a mesma fala sobre ter pessoas que saem melhores e outras piores, ela descreve que há presas que falam que irão se vingar quando saírem da penitenciária, assim como, usam de palavras de baixo calão para se referirem a outras.

- **Agentes**

1. Há quanto tempo você trabalha no presídio?
2. De quantas horas é sua jornada de trabalho?

A maioria das agentes entrevistadas trabalha em presídios há cerca de 30 anos, no entanto, na Penitenciária Feminina de Pedrinhas por volta de cinco anos e grande parte delas são plantonistas, trabalham 24 horas e folgam 72 horas.

Uma das agentes relatou que houve mudanças no sistema carcerário desde a sua entrada como funcionária.

*Quando entrei, o sistema era muito precário, então sim, houve muitas mudanças de uns cinco anos para cá, principalmente relacionadas ao trabalho e estudo do preso, hoje nós temos aqui na nossa unidade cerca de 140 presas trabalhando, então assim, é benéfico pra segurança, a presa não fica muito tempo ocioso, por que trabalha e estuda, a noite vai dormir, melhorou muito para a segurança, a humanização do trabalho e estudo do preso. Hoje temos casos de internas que são egressas e trabalham no que trabalhavam aqui, como na malharia, muitas delas comentam que não tiveram oportunidades e aqui a gente da essa oportunidade, elas estudam e trabalham, acho que a gente conseguiu sim, fazer uma mudança de opção na vida dessa pessoa, acredito que sim, a gente tem que acreditar, porque ele vai voltar para a sociedade e esse trabalho de humanização das unidades prisionais contribui muito para a gente receber ele lá fora, para reinserção dele na sociedade.*

Uma das agentes relata que o crime mais comum entre as mulheres em cárcere é o uso e o tráfico de drogas, cerca de 90%, depois vem homicídio e outros crimes. Foi relatado que dentro da penitenciária não existe divisão por facção, pois quando as internas chegam ao presídio são logo avisadas que as facções ficam do lado de fora dos muros da penitenciária.

Segundo o relato da policial penal, está sendo realizado o trabalho de humanização das unidades prisionais e, isso permite ao detento ter novas oportunidades, assim como, auxilia na reintegração dos mesmos a sociedade.

Pode-se afirmar que a relação das mulheres encarceradas com o crime começa com a falta de oportunidade e necessidade, ou o envolvimento com drogas e parceiros que vivem no crime. As internas entrevistadas não sabem explicar o que leva as pessoas a cometer crimes, a maioria afirma não ter sofrido nenhum tipo de violência, no entanto, já cometeram, como exemplo, a interna que cometeu homicídio e a que praticou extorsão. A convivência entre internas e agentes é harmoniosa até onde há respeito, a partir do momento que esse respeito acaba, começa a utilização do poder para mostrar quem manda e quem obedece.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

São poucos os estudos voltados para o encarceramento feminino no Brasil, assim como, há uma escassez de dados disponíveis sobre o assunto, principalmente, referente ao Presídio Feminino de Pedrinhas. Foi necessário adquirir dados de fontes diferentes para

assim, poder compreender discutir e espacializar as informações sobre as internas de Pedrinhas.

Nesta pesquisa buscou-se traçar o perfil das mulheres presas em Pedrinhas. O desenvolvimento foi complexo, dado a dificuldade em obter e separar os materiais sobre as encarceradas, pois foi preciso fazer uma seleção dos elementos referentes aos gêneros masculino e feminino, uma vez que, os dados quando extraídos vem com informações de ambos.

Além disso, as entrevistas aplicadas com internas e agentes foram importantes para identificar a relação das presas com o crime e a violência. Auxiliou nos resultados da pesquisa e ajudou a entender como é a organização do presídio, como funciona a relação entre agentes e presas, assim como, entre as próprias prisioneiras. Pretendia-se realizar novas entrevistas com perguntas complementares, no entanto, com a pandemia de Covid-19, não foi possível.

Diante disto, por meio das atividades desenvolvidas por esta pesquisa, pôde-se chegar aos resultados aqui demonstrados, portanto, conclui-se que:

- Historicamente as prisões eram locais para aprisionar homens, mas com o passar dos tempos, com a necessidade de locais para aprisionamento feminino, foi-se sendo utilizadas as dependências das penitenciárias masculinas para aprisionamento das mulheres. No Brasil, a primeira prisão feminina foi inaugurada em 1937.
- A Penitenciária feminina de Pedrinhas, local deste estudo, surgiu como uma sala dentro do complexo Penitenciário, onde as internas eram aprisionadas, evoluiu para um pavilhão até ter sua estrutura física próxima ao Complexo de Pedrinhas.
- As presidiárias têm locais para estudar, trabalhar, repousar, ter bebê e consultar. Elas são auxiliadas com projetos como: Arte Casa da Unidade Prisional de Ressocialização Feminina (malharia) responsável por ensinar as internas a cortar e costurar, dando assim, oportunidades de trabalho dentro e fora do presídio.
- O perfil das mulheres presas em Pedrinhas é definido por sua classe social, uma vez que, a sociedade brasileira é desigual e carrega marcas do seu passado de escravidão, são em maioria mulheres acima dos 30 anos de idade, autodeclaradas pardas e com ensino fundamental incompleto. Evidencia-se que esses fatos contribuem para a entrada dessas mulheres e de outras na criminalidade.

- O crime e a violência fazem parte do cotidiano das mulheres presas em Pedrinhas. A relação das internas com o crime começa com a necessidade e a falta de oportunidades, assim como, o envolvimento com drogas ou parceiros criminosos. A violência está ligada a vivência das mesmas, seja antes da prisão ou durante.

Ainda há muito o que ser discutido sobre o encarceramento feminino, pois as problemáticas referentes a esse assunto são numerosas. Inicialmente, deve-se implementar políticas públicas, principalmente as voltadas para a educação, que é uma medida a longo prazo. Projetos por parte da academia pode ser inserido no cotidiano das presas, como aulas ministradas por alunos (um meio de auxiliar nos estudos das internas), uma vez que, elas demonstram entusiasmo em aprender coisas novas e acabar com o tempo ocioso. Deve-se continuar com o trabalho de humanização das unidades prisionais, principalmente por parte do Estado, pois com o estudo e a qualificação profissional faz com que a ressocialização e reintegração das presas a sociedade ocorra de forma mais fácil e gratificante.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, H. V. S.; MARTA, M. A.; SOUSA, A. F. P.; SILVA, M. G. S. N. **Características espaciais da prisão a partir da percepção das mulheres encarceradas na penitenciária feminina do estado de Rondônia.** Disponível em: <https://www.agb.org.br/wp-content/uploads/2018/06/%C3%81dria-Fab%C3%ADola-Pinheiro-de-Sousa.pdf>. Acesso em: 11 de Abr. de 2021.
- ALVES, Hellen Virginia da Silva. **Grades invisíveis: as características sócioespaciais da prisão a partir da percepção das mulheres encarceradas na penitenciária feminina de Rondônia.** 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho – Ro, p. 244, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Quem são as mulheres encarceradas na penitenciária estadual feminina de Rondônia? Uma análise de gênero sobre o perfil da população carcerária feminina.** Rondônia. Revista Formação (ONLINE), v. 25, n. 45, maio-ago/2018, p. 231-250. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5255>. Acesso em: 03 de Jan. de 2020.
- ARRUDA, R. F. **A geografia do cárcere nas territorialidades do cotidiano prisional.** Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/2/29.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2021.
- \_\_\_\_\_. **Geografia do cárcere: Territorialidades na vida cotidiana carcerária no sistema prisional de Pernambuco.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, p. 241. 2015.
- BILIBIO, G. D. M.; BITENCOURT, C. B.; BRUM, E. M.; CORREA, J. B.; FAVERO, I. B.; FLORES, K. R.; LOPES, V. F. B.; OLIVEIRA, A. C.; ROESLER, G. M.; SILVA, N. S.; SOUTO, R. B. **Mulheres encarceradas: a realidade das mulheres nos presídios brasileiros.** Disponível em: <http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/4743>. Acesso em: 05 de Abril de 2021.
- CARVALHO, M. L. B.; FREITAS, L. D. A. **As faces e os disfarces dos presídios femininos: violações x direitos.** Unisc, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/download/14582/3270>. Acesso em: 16 de Dez. de 2020.
- INFOPEN MULHERES 2016. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen Mulheres, 2ª edição.** Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen/mais-informacoes/relatorios-infopen/relatorios-sinteticos/infopenmulheres-junho2016.pdf/view>. Acesso em: 05 de Abril 2021.
- INFOPEN MULHERES 2014. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen Mulheres.** Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen/mais-informacoes/relatorios-infopen/relatorios-sinteticos/infopenmulheres-junho2014.pdf/view>. Acesso em: 10 de Nov. de 2020.

INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Departamento Penitenciário Nacional. Ministério da Justiça. 2014.

\_\_\_\_. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Departamento Penitenciário nacional. Ministério da Justiça, 2017.

LIRA, P. S. **Geografia do crime e arquitetura do medo: Uma Análise Dialética da Criminalidade Violenta e das Instâncias Urbanas**. Gráfica e Editora GSA, 1. Ed. Vitória, Espírito Santo 2014.

LOUZEIRO, Janaina Carla Serra. **Sistema Penitenciário Feminino - Uma análise da situação carcerária e condições de vida no Presídio Feminino de São Luís**. 2017. Monografia (Curso de Direito) - Faculdade do estado do maranhão – FACEM, São Luís - MA, p. 32, 2017.

MENEZES, A. H. N. et al. **Metodologia científica teoria e aplicação na educação a distância**. 1 Edição, Petrolina – PE, Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2019.

MINAYO. M. C. S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

PINO, Laura Vedovatto Del. **Território Penitenciário Feminino em Porto Alegre/RS: Uma análise do perfil demográfico do presídio Madre Pelletier**. 2019. Monografia (Curso de Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, p. 43, 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. 1.ed. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço. Técnica. Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo. Ed. USP, 2002.

\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 30ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2020.

SINHORETTO, Jacqueline; SILVESTRE, Giane; MELO, F. A. L. **O encarceramento massa em São Paulo**. **SciELO**, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702013000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702013000100005). / em: 24 de Abr. de 2021.

SOUSA, Ana Sílvia Rodrigues de. **Prisão Feminina**. 1ª edição. São Luís – MA: Gráfica Gêneses, 2014.

SOUSA, Marcelo Lopes de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio – espacial**. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

\_\_\_\_ (1995): O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de et al. (orgs.): **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

ZOMIGHANI JR, J. H. **Desigualdades espaciais e prisões na era da globalização neoliberal: Fundamentos da insegurança no atual período**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, p. 448, 2013.